

Juventude hitlerista à brasileira

Fonte: Revista História Viva, Edição Nº 39 - janeiro de 2007



Na Alemanha, Hitler sonhava com jovens que iriam construir o novo mundo nazista. No Brasil de Vargas, crianças cantavam hinos, em boa parte das vezes sem entender seu significado político

por ANA MARIA DIETRICH

À esquerda, em Presidente Bernardes, cidade do interior de São Paulo, crianças da Juventude Hitlerista fazem a saudação Heil Hitler, na década de 1930. Foto: Arquivo do Estado de São Paulo

É por meio da juventude que começarei minha grande obra educacional. Nós, os velhos, estamos gastos. Não temos mais instintos selvagens. Mas minha esplêndida juventude! Nós temos uma das mais belas do mundo. Com eles, poderei construir um mundo novo! Adolf Hitler



**Rapaz da juventude Hitlerista da Alemanha cuida de bebês.
Foto: Bundesarchiv/ Alemanha**

Em diversos momentos, Adolf Hitler se voltou às crianças e jovens alemães. Ele acreditava que representariam o futuro da raça ariana, porque os adultos já estariam "velhos" e "gastos". Para cooptar os jovens a se tornarem "bons nazistas", o estadista, que permaneceu no poder na Alemanha entre 1933 e 1945, não poupou esforços. O primeiro passo foi a padronização do ensino secundário e a introdução de novas disciplinas de eugenia e ciência racial. Ao estudá-las, as crianças aprendiam, entre outras coisas, que não poderiam se miscigenar com os considerados "não arianos".

Práticas como atividades físicas - que chegaram a ocupar cinco horas do dia dos estudantes em 1938 - foram introduzidas, contrastando com o desprezo pelas atividades intelectuais e a queima de livros considerados prejudiciais ao regime. Fotos de Hitler estavam nas escolas e os professores entravam na sala cumprimentando os alunos com a saudação Heil Hitler.

Além das escolas, Hitler criou, em 1926, uma organização voltada para jovens e crianças, meninos e meninas. Funcionando como braço do partido nazista, a Hitler Jugend (Juventude Hitlerista), cujas atividades iam desde acampamentos com fogueiras e entoação de hinos até treinamento militar, chegou a ter, no seu apogeu, 8 milhões de membros. As meninas se alistavam na BDM (Bund Deutscher Mädel - Liga das Jovens Alemãs) e aprendiam seus deveres de futuras "mães e mulheres arianas" em tardes domésticas, de eventos esportivos e de patriotismo.

A americana Susan Campbell Bartoletti contou a história desses pequenos soldados de Hitler no livro Juventude Hitlerista, a história dos meninos e meninas nazistas e dos que resistiram, recém-lançado no Brasil pela Relume Dumará. Segundo Campbell, essa organização foi estruturada de maneira a funcionar como um exército. Havia regimentos e uma hierarquia: o garoto que ingressasse como recruta poderia chegar a liderar um esquadrão, um batalhão e até um regimento. A disciplina era rígida e quem a desobedecesse recebia castigos, como caminhar por horas em rios gelados. Para poder vestir o uniforme marrom da Hitler-Jugend (HJ), porém, os ingressantes deveriam, em primeiro lugar, provar que eram descendentes de "arianos", que estavam saudáveis e não tinham doenças hereditárias. As crianças judias foram impedidas de entrar e o mesmo acontecia quando os pais da criança não eram considerados "bons nazistas". Campbell afirmou que, "não querendo ser excluídas, as crianças

imploravam para os pais entrarem no partido nazista". Os jovens que se negavam a participar tornavam-se marginais e dessa forma ficavam impedidos de entrar nas escolas e conseguir emprego.

Muitos jovens chegaram a perder a vida em nome da organização. No início do governo nazista, as brigas de rua com os comunistas eram freqüentes. Em uma delas, Herbert Norkus, jovem alemão de 15 anos participante da HJ, morreu e se tornou mártir do regime. Já durante a Segunda Guerra Mundial muitos deles foram lutar nas frentes de combate alemãs. Eram convocados como ajudantes de artilharia ou como cavadores de trincheiras. "Os meninos trabalhavam dez horas por dia, sete dias por semana. Cavavam até as mãos ficarem calejadas (...)", contou Alfons Heck, ex-integrante da Juventude, um dos entrevistados por Campbell.

Próximo do final da guerra, foi criada uma unidade especial - denominada HJ-SS, cujos participantes receberam treinamento especial para participar do conflito. Tal unidade, apelidada pelos Aliados Divisão Leite de Bebê, lutou nos campos da Normandia em 1944. Em combate, morreram 1.951 soldados, entre meninos e jovens, e 4.312 ficaram feridos.

Minha pesquisa de doutorado aborda a Juventude Hitlerista estabelecida no Brasil. Esse movimento era ligado ao partido nazista no Brasil, que por sua vez era um braço do movimento nazista internacional da Organização do Partido Nazista no Exterior conhecida pela sigla A.O., do seu nome em alemão, espécie de departamento do III Reich. Essa organização estendeu-se pelos cinco continentes, em 83 países, com cerca de 29 mil componentes. Nesses territórios, os nazistas criaram seus grupos, articularam suas bases e estruturaram suas organizações, entre elas a da Juventude. O Brasil foi o país que contou com o maior número de filiados do partido nazista fora da Alemanha - com 2.900 membros espalhados entre 17 estados brasileiros.

Entre eles, o maior grupo foi o de São Paulo, com 785 membros, seguido por Santa Catarina, com 528, e Rio de Janeiro, com 447.



**Adepto do nazismo, com os netos.
Presidente Bernardes, SP, década de 1930.
Foto Acervo: A.M.Dietrich**

Nazismo tropical

Como organização ligada diretamente a esse partido, a HJ no Brasil teve a adesão de 550 meninos e meninas alemãs e descendentes, que foram seduzidos pelo discurso do regime nazista. Apesar de ter como parâmetro o movimento alemão, o nazismo avançou no Brasil de forma diferenciada. Participantes da comunidade alemã - que somava 230 mil pessoas, entre alemães de nascimento e descendentes -, os meninos e meninas não conheceram a atmosfera de terror vivenciada por seus conterrâneos na Alemanha - definida, em um primeiro momento, pela luta contra os comunistas e, em um segundo, pela deflagração da Segunda Guerra Mundial. Nesse processo de transferência, foi como se a ideologia nazista passasse a se vestir com as cores da sociedade brasileira. Aqui os preceitos nazistas eram passados às crianças e jovens por meio da família e, principalmente, pela educação nas escolas. Estima-se que na década de 30 existiam cerca de 1.260 escolas alemãs no país, com mais de 50 mil alunos. Todas elas contavam com subsídio do governo alemão e algumas haviam sido fundadas ainda no século XIX. Desde a ascensão de Hitler ao poder, as escolas passaram a ser vistas como importantes centros de difusão dos ideais nacional-socialistas.

Até o começo do Estado Novo (1937-1945), tais escolas funcionaram normalmente, sem preocupar o governo, já que ajudavam na educação dos jovens, desonerando as escolas públicas. Porém, a partir de 1938, com a campanha desencadeada por Vargas, que obrigou todas as instituições estrangeiras a se nacionalizar, as escolas alemãs passaram a ser vigiadas. O governo estabeleceu a nacionalização integral do ensino primário. Novas leis do período de 1938 a 1942 restringiram cada vez mais a difusão de valores de

outras culturas em território nacional.

O partido nazista e as instituições ligadas a ele entraram então para a ilegalidade. Até essa época, o governo tinha feito vistas grossas à atuação do partido, dadas as boas relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha e a simpatia do ditador brasileiro pelo regime de Hitler. Os partidários do nazismo e os alemães em geral foram perseguidos somente depois de 1942, quando da entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados. A questão estava centrada no combate à cultura germânica - elemento de erosão da nacionalidade brasileira em construção - e não ao nazismo - enquanto "ideologia exótica", como a chamava o Dops - Delegacia de Ordem Política e Social.

No caso da cidade de São Paulo, vários foram os colégios enquadrados como foco de disseminação de idéias consideradas nocivas à nação brasileira, entre elas a nazista, no final dos anos 30. Em instituições como a Deutsche Schule, mais conhecida como Escola Alemã de Vila Mariana, uma das mais vigiadas pelo Deops - Departamento Especializado de Ordem Política e Social, de São Paulo, boa parte dos educadores era ligada à Associação dos Professores Nazistas, com 100 filiados no Brasil, e alguns vinham direto do III Reich para doutrinar a juventude local.

Nessa escola não era raro os professores alemães ministrarem aulas usando o uniforme cáqui com a suástica atada ao braço. No início do dia letivo, era comum os alunos se cumprimentarem com a saudação Heil Hitler, como era usual na Alemanha. As disciplinas eram ensinadas em língua alemã e o português era apenas mais uma aula na grade curricular. A acusação mais constante por parte da polícia política era que as famílias e a escola não imbuíam as crianças de familiaridade com a cultura brasileira, mas sim incentivavam o germanismo atrelado à doutrina nazista. Grande parte dos alunos era agremiada na Juventude Hitlerista instalada no Brasil, que cantava os mesmos hinos e propunha as mesmas atividades da similar alemã.

O livreto oficial da Deutsche Schule continha fotografias de alunos e de interiores da escola, além de referências ao uso de material didático e, em especial, aos filmes sobre a Alemanha. Parte desse material era importado de lá e tinha como principal objetivo manter viva a relação dos pequenos alemães e descendentes com a cultura germânica. O livro de canções alemãs apropriadas pelo nazismo, chamado Liederbuch, dava o tom do nacionalismo alemão que se cultivava.

O mapeamento feito pelo Deops constatou que havia 14 escolas alemãs na capital e no ABC paulista. Depois da nacionalização de 1938, foram fechadas ou enquadradas na lei. A Escola Alemã de Vila Mariana passou a chamar-se Ginásio Benjamin Constant e teve seus professores alemães substituídos por brasileiros.

O que foi transmitido a essas crianças limitou-se ao aparato de sedução do regime - símbolos, canções, livros. Em grandes festas, eles desfilavam portando bandeiras com a suástica e cantando hinos nazistas, participavam de excursões e acampamentos, mas conviviam normalmente com crianças tachadas como

"inferiores" pela ideologia nacional-socialista.

Do lado dos brasileiros, a raça ariana foi até motivo de zombaria. Em um samba de 1943, Carlos Cachça cantou, fazendo referência ao nazismo: "Saibam que este céu, este mar, este lindo cenário, temos a defendê-lo os nossos expedicionários, oriundos da raça de Caxias, de Barroso. Diante desta gente tão pura e tão forte, nazista, quem és?".

A Juventude Hitlerista de Presidente Bernardes, pequena cidade do noroeste do estado de São Paulo, é um exemplo da forma como essas idéias nazistas foram transferidas para o Brasil. Nos anos 30 e 40, o local era um pólo de chegada de imigrantes de toda a Europa. Muitos desses imigrantes vinham, desde o porto de Santos, em carros puxados por bois e carregados com produtos tropicais. O destino? Fazendas, sítios e chácaras. Construía suas casas, muitas vezes de barro e sapé, e plantavam o que comer: arroz, feijão e milho. Um modo de vida muito diverso do que estavam acostumados na Europa. Entre essas famílias, encontravam-se os imigrantes alemães que aderiram ao nazismo, como a família de K.B. (os nomes são aqui mantidos em sigilo para preservar os depoentes). Em entrevista, ela contou a saga da família desde a saída da Alemanha em crise da República de Weimar (1919-1933) até o envolvimento com o nazismo.



Grupo nazista da cidade de Presidente Bernardes
posa em uma plantação.

Foto: Acervo A. M. DIETRICH



Capa do folheto da Deutsche Schule -
Escola alemã de Vila Mariana
São Paulo, 1936.
Foto: Arquivo do Estado de São Paulo

Álbuns de família

K. B. foi membro da Juventude Alemã de Presidente Bernardes. Seu pai, G.B., era dirigente do partido nazista em São Paulo. No acervo do Deops, encontram-se muitas fotos apreendidas de álbuns de família como a de K.B., onde se vêem grupos de nazistas em meio a palmeiras e parreiras. Porém ao ouvir essas histórias, tem-se uma nova dimensão de como foram difundidas as idéias nazistas aqui. Elementos como o anti-semitismo ou racismo corrente na Alemanha não aparecem no discurso de K.B. Ao contrário, o que há é algo mais romantizado, com colonos comemorando festividades do calendário alemão e cantando hinos usuais no III Reich. "Por que não gostar de judeus? Eu não conheço nenhum. (...) Eu era criança naquela época e não tinha condições de entender nada. Eu só comecei a entender mais tarde, quando li sobre o assunto. Mas não acreditava, porque meu avô era um santo homem", afirmou K.B. K.B. se referiu ao seu avô F.D. como "um nazista fanático que amava sua família". Costumava acordar todos os dias de manhã bem cedo e ensinava-as a fazer ginástica, a marchar e a cantar hinos nazistas. O que para K.B. era algo ingênuo e saudável na verdade fazia parte do preceito nazista de culto ao corpo. Os membros da Juventude Hitlerista na Alemanha costumavam fazer esporte todos os dias e participar de treinamentos militares.

Ao descrever esses costumes, K.B. fez questão de enfatizar o lado bondoso do avô: "Ele fazia brinquedos para a gente. Nos dias de festas alemãs, por exemplo Festa da Colheita, costumávamos cantar e marchar atrás dele. Lembro até hoje [cantando em alemão o hino de Horst Wessel]: 'Levanta a bandeira, as fileiras bem unidas e marcha com passos calmos e firmes'. Só lembro de um momento em que ele ficou meio espinhento, foi quando a Inglaterra entrou na guerra...". Este trecho da entrevista demonstrou que essas crianças repetiam meramente idéias ensinadas pelos adultos, sem ter noção do conteúdo ideológico das canções. Além dos depoimentos, as fotos são importantes testemunhos.

Mostram, por exemplo, como os nazistas no Brasil se vestiam, utilizando as mesmas insígnias e simbologia que os nazistas na Alemanha. E.G., outra entrevistada de Bernandes, lembrou-se da mudança de tratamento em relação aos alemães a partir de 1942: "Enquanto nós estávamos aqui com Getúlio do lado do Eixo não teve problemas. Depois, quando Getúlio resolveu passar para o outro lado - por bons motivos - começaram a perseguir alemães, japoneses, todo mundo. Mas os partidários continuaram fazendo as mesmas coisas, vestindo uniformes, usando suásticas e ia todo mundo para o xadrez. Eles sabiam disto, então provocavam, cantando hinos nazistas a caminho da prisão". Quanto às crianças, K.B. recordou as humilhações que sofreu na escola: "Porque eu era alemã, meus colegas de classe caçoavam de mim, puxavam minhas tranças". A triste realidade da Juventude Hitlerista não está tão distante da realidade atual do Brasil e do mundo. O conhecimento desse capítulo da história serve para refletirmos sobre os rumos que a sociedade assume nos tempos atuais e tomarmos providências enquanto há tempo.



Grupo de nazistas fardados em sítio no interior de São Paulo.
As marcações à caneta feitas pela polícia política
buscavam identificar os indivíduos.
Foto: Arquivo do Estado de São Paulo



Leitores do jornal Deutscher Morgen (Aurora Alemã) e Wehrmacht (Força de Defesa), décadas de 1930 e 1940.
Foto: Arquivo do Estado de São Paulo

A autora

ANA MARIA DIETRICH é historiadora e jornalista e desenvolve doutorado pela USP com o tema "Nazismo tropical? O Partido Nazista no Brasil". É co-autora do livro Alemanha, Imesp, 1997. Colaborou MAIZA GARCIA, jornalista. Ambas são pesquisadoras do Núcleo de Estudos em História Oral da USP.